

# À PROCURA DO LOUCO: A PARTIR DE ENCONTROS DO FILME “TREM DA VIDA” COM A OBRA “HISTÓRIA DA LOUCURA”, DE MICHEL FOUCAULT

Aline Lenz<sup>1</sup>

**Resumo:** Ao pensar a loucura a partir de Foucault, da análise do discurso e do cinema, o texto se propõe a procurar o louco, bem como as suas motivações, a sua invenção na história e a sua invisibilidade social que perpassa os tempos. Pensar o medo da sociedade em relação à loucura. Pensar a loucura como uma linha de fuga. Pensar a loucura como uma forma de sanidade e fuga dos padrões impostos. O texto relaciona (e abre questionamentos) com base na análise do filme “Trem da Vida”, feita a partir da obra “História da Loucura”, de Michel Foucault.

**Palavras-chave:** Loucura. Discurso. Normalidade. Sociedade.

**Abstract:** Thinking about madness in the perspective of Foucault, the Discourse Analysis and cinema, the text proposes to look for the madman as well as his motivations, his invention in history and his social invisibility that passes by all the ages. Thinking fear of society related to madness. Thinking madness as an escape line. Thinking madness as a way of sanity and an escape from imposed patterns. The text links (and proposes some questionings) based on the analysis of the movie “Train de Vie”, what was done based on Michel Foucault’s work “History of Madness”.

**Key Words:** Madness. Discourse. Normality. Society.

*A Balada do Louco (Rita Lee e Arnaldo Baptista)*

*Dizem que sou louca  
Por pensar assim  
Se eu sou muito louca  
Por eu ser feliz  
Mais louco é quem me diz  
E não é feliz, não é feliz*

*Se eles são bonitos  
Eu sou a Sharon Stone  
Se eles são famosos  
I'm a Rolling Stone  
Mais louco é quem me diz  
E não é feliz, não é feliz*

---

1 Professora, formada em Letras pela Univates, com especialização em Filosofia e Educação na contemporaneidade (Univates).

*Eu juro que é melhor  
Não ser um normal  
Se eu posso pensar  
Que Deus sou eu*

*Se eles têm três carros  
Eu posso voar  
Se eles rezam muito, eu sou santa  
Eu já estou no céu  
Mais louco é quem me diz  
E não é feliz, não é feliz*

*Eu juro que é melhor  
Não ser um normal  
Se eu posso pensar  
Que Deus sou eu*

*Sim, sou muito louca  
Não vou me curar  
Já não sou a única  
Que encontrou a paz  
Mais louco é quem me diz  
E não é feliz  
Eu sou feliz!*

A música “Balada do Louco” mostra a loucura de acordo com o “eu lírico” de um louco, ou seja, a questão “ser louco” é definida pelo discurso de um louco. De acordo com a música, a maior loucura seria “não ser feliz” e a loucura seria um ato de fuga com a finalidade de chegar à felicidade. De acordo com a música, a loucura é um modo de pensar: dizem que sou louco, por pensar assim. A loucura seria um jeito diferente de perceber e significar o mundo. Este jeito seria uma fuga dos padrões ditos normais? Esta fuga seria capaz de trazer felicidade às pessoas?

Se eu sou muito louca, por eu ser feliz, será que a felicidade só é atingida pelos loucos? Será que a felicidade é uma loucura? Será que todas as pessoas narradas como normais, que se regram para atingir o padrão da normalidade e nele permanecer, são felizes também? O que seria “normalidade” e para quem ela existe?

Rita Lee (ousada cantora brasileira que começou a ser reconhecida musicalmente entre as décadas 60 e 70 e que até os dias atuais se mantém fazendo sucesso) sempre rondou os buracos considerados negros do discurso, que, segundo Foucault (2007), são a sexualidade e a política. Fez isso através do seu discurso, representado pela sua música. Na música em questão ela afirma ser a loucura uma forma de atingir a felicidade, de ter poder. Se eles têm três carros, eu posso voar. / Se eu posso pensar que Deus sou eu. O discurso sempre está ligado a relações de poder. De acordo com

Foucault (2004), é através do discurso que se percebe, até mesmo se diagnostica, a loucura, uma vez que é através dele que ela se manifesta.

Segundo o Dicionário Aurélio, loucura é: Estado ou condição de louco. Falta de discernimento. Imprudência e temeridade. Tudo que foge às normas, que é fora do comum. – Vale ressaltar que todas essas expressões aparecem (também) retratando a loucura no decorrer da sua história.

Segundo Foucault (2007), razão e loucura são dependentes uma da outra, uma vez que uma serve de medida à outra, num movimento recíproco. Durante muito tempo a diferença entre loucura e não-loucura foi equiparada à diferença entre normal e anormal.

A questão da loucura sempre esteve intrincada com a questão do discurso. Para Foucault (2004), desde a Idade Média o louco é aquele cujo discurso não pode circular como o dos outros, podendo acontecer que a sua palavra não seja acolhida, não tendo verdade nem importância, não podendo ao menos autenticar um ato ou servir de testemunho na Justiça, enquanto certas pessoas (o padre, o juiz, ...), com o seu discurso, efetuam verdades e concretizam atos.

Foucault (2004, p. 22) ainda afirma que: "Sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa. Por este motivo, tantas vezes o louco é tirado de circulação, sofre o que Foucault chama de 'invisibilidade', ou seja, é retirado para que o seu discurso não perturbe a ordem estabelecida, a ordem dita normal."

Alguns autores, entre eles Stuart Hall (1997), falam de uma “revolução cultural”, entendida como a expansão das atividades, instituições e práticas culturais nas quais a cultura está assumindo uma função determinante na organização da sociedade. As novas tecnologias e as mídias assumem um papel crucial nesta expansão das formas de produção, circulação e trocas culturais.

De acordo com Fabris (2000), nessa complexificação do social, as instituições tidas como tradicionais (família, igreja, escola...) estão perdendo espaço nos processos de subjetivação dos sujeitos para as novas mídias que ressignificam as instituições tradicionais.

A ressignificação das instituições tradicionais nos deixam – momentaneamente – sem chão, sem referência, sem um padrão fixo. Assim também acontece com quem é considerado louco, uma vez que a loucura está diretamente ligada à oposição do padrão estabelecido, considerado normal.

Para Fabris (2000), o olhar do cinema na produção dos sentidos é um espaço cultural privilegiado de poder representar o outro. No caso deste trabalho, seres

excluídos (o outro) têm a oportunidade de serem expostos, construídos, desconstruídos e principalmente veiculados por meio do personagem do louco no filme “Trem da Vida”.

A obra “A História da Loucura”, de Foucault, mostra a loucura desde a época do Renascimento (séculos XIV, XV e XVI) até o momento em que a loucura se estabelece na sociedade em forma de patologia. Fica evidente que o modo como os homens lidam com a loucura foi se modificando através dos tempos.

A obra começa abordando a Lepra no período das Cruzadas. O poder real era quem controlava os bens dos leprosários, enquanto estes ficaram confinados em estabelecimentos construídos para esta finalidade.

As pessoas leprosas e os atingidos pelas doenças venéreas representavam na época os excluídos da sociedade, aqueles que necessitavam com urgência desaparecer da visibilidade das pessoas (FOUCAULT, 2007, p. 6). Precisavam não aparecer para manter a ordem social.

Vale ressaltar que a lepra e as doenças venéreas eram contagiosas, já a loucura não – no entanto, os loucos eram excluídos e viviam o processo de invisibilidade social. Mas, como a loucura já foi considerada uma fuga e até mesmo um estado de graça,... quem sabe não se teme realmente que todas as pessoas enlouquecessem por vontade própria?

No filme “Trem da Vida”, esta invisibilidade é quebrada, uma vez que o louco que é o protagonista do filme em questão.

Até hoje os loucos, assim como há tempos, são controlados com a mesma finalidade: a invisibilidade. E também, conforme a legislação, não podem responder legalmente por seus atos e atitudes.

Segundo Foucault (2000, p. 371), “a loucura se tornou possível em virtude de tudo aquilo que o meio pode reprimir, no homem, que dependia da existência animal”.

O meio reprime, depois a sociedade exclui (o louco), e atualmente as terapias psicológicas (para quase todas as enfermidade psíquicas) se dão através da fala e da análise do discurso (que é a luta contra o que está reprimido). Logicamente, um movimento paradoxal. Para Foucault, Pinel e outros médicos não libertaram a loucura, mas apenas “abriram o asilo ao conhecimento médico” (FOUCAULT, 2000, p. 498).

O discurso do médico, a princípio, ainda é considerado como verdadeiro e é ele quem identifica o louco. É o discurso de quem tem poder, analisando e rotulando (muitas vezes condenando e excluindo) aquele ser cujo discurso não tem validade.

Foucault diz que saber é poder (2000, p. 511). A Psiquiatria delimitou a sua origem estruturada sobre um saber em relação à loucura. Assim, Foucault acredita que o saber não coage, mas produz. Mesmo que a coerção e os maus-tratos contra a loucura sejam camuflados, ou mesmo que tenham diminuído, o conceito social que trouxe uma dominação à loucura permanece até os dias atuais.

Segundo Foucault, a Psiquiatria operou o último gesto de esvaziamento da humanidade do homem, uma vez que seus processos psíquicos agora não mais lhe pertencem.

Considera-se de suma importância começar analisando o filme pelo título (Trem da Vida), uma vez que o título, assim como o resto do filme, é uma criação significativa e pensada. Apesar de o filme relatar uma história baseada no nazismo, o seu título não remete a este, remete sim ao movimento (trem) que é a vida de todos nós. Em determinado trecho do filme, uma senhora (passageira do trem), diz: “Os homens dirigem e um louco mostra o caminho”. Assim acontece no filme, mas a metáfora serve também para a vida. Os homens dirigindo as suas vidas e um louco - (uma paixão, um pai, uma forma de governo, um patrão etc.) mostrando o caminho.

O filme inicia com o personagem do louco narrando a história: “Eu fugia achando possível fugir do que vimos ou vimos em demasia”. Vale lembrar que o personagem do louco tem consciência de sua loucura, uma vez que se diz louco. Aqui fica evidenciado que ele mesmo duvida do que possa ter visto ao considerar que possa ter visto em demasia. (O louco vê os nazistas exterminando aldeias vizinhas, aldeias como a sua). Segundo a “História da Loucura”, a loucura não diz respeito à realidade do mundo, mas sim à realidade que o homem acredita existir. Quando o louco diz “vimos em demasia”, ele dá margem a entender que talvez possa ter visto demais, no caso, delirado, e o delírio desde muito cedo na história foi considerado uma forma de loucura.

Ao chegar a sua aldeia, o louco quer comunicar a sua comunidade a tragédia que acaba de descobrir, e é nesta hora que apresenta o primeiro comportamento condizente com a sua personificação de louco. Ele se atira ao chão e grita. Rola e grita sem dizer nada claramente, numa atitude de desespero. Conforme Foucault (2000), a loucura era percebida através de desordens de conduta e até desordens de hábitos e costumes. Mais vezes, durante a história narrada, o louco inicia a comunicação dessa forma com as demais pessoas, principalmente quando o que ele precisa lhes comunicar é algo dramático. Ainda segundo Foucault (2000), o discurso e a linguagem são as vias principais pelas quais se detecta a loucura.

Depois de se acalmar, quando vai contar novamente o que viu para mais moradores de sua aldeia, o louco começa o discurso assim: “Ele (Deus) permitiu que o fizesse. Deus permitiu aquilo. Olhe, disse Ele, você que já é louco. Como lavar os

olhos sujos? Olhos que viram demais? Os pássaros que sempre voaram de repente se calaram.” Segundo Foucault (2000), a loucura representada no século XV, nas obras de arte, é representada como um saber obscuro, que esconde segredos e que por isto mesmo precisam ser desvendados. Ainda segundo Foucault, (2000, p.14), durante algum período o louco não foi visto apenas como o bobo, mas como o detentor da verdade. Sem conseguir terminar o que começou a dizer, o louco é interrompido pelo homem ao qual contou primeiramente a história e este diz: - “Conte dos nazistas!” O louco fala: - “É o que estou fazendo”. E continua: - “Um dia viajaremos no espaço além do céu. Agora eu sei. O espaço está no coração. Mas o procuraremos em outro lugar”.

Então o homem que sabe o que o louco viu, diz: - “Vou traduzir. Os nazistas chegaram!” Segundo Skliar (2003), quem fala pelo outro controla a fala do outro. E, segundo Foucault (2000), o conceito social que trouxe uma relação de dominação à loucura permanece e permeia a nossa sociedade até os dias atuais. Traduzir o que o louco diz é uma forma de controle e também de dominação da loucura deste perante os demais. Traduzir comumente é utilizado quando se fala outra língua, no caso a língua do louco. Aqui também fica evidente que o louco pertence a um outro espaço, uma vez que se traduz o que ele fala. Fica evidente a exclusão do seu discurso que precisa ser traduzido (leia-se: controlado).

Após todos os homens da aldeia ficarem a par da chegada dos nazistas, começam a discutir o que podem fazer. O louco sugere simular um trem de deportados. A princípio todos acham a ideia absurda. Até que o Rabino considera a ideia excelente e ela passa a ser considerada pelo grupo. Aqui fica evidente que a voz do louco só é escutada quando aprovada pelo Rabino. Evidenciando o que diz Foucault (2000): a partir do século XVII a loucura está fora de interlocução com a razão. Por isso, o homem deixou de se comunicar com o louco. Em contrapartida, a ideia do louco representava de fato uma saída para eles que não tinham nenhuma outra alternativa. Era uma loucura (a simulação de um trem de deportados), mas perfeitamente possível dentro da loucura maior que era a chegada dos nazistas. Como refere Foucault (2000, p. 31), a loucura leva à sabedoria, e a razão toma consciência da loucura. A loucura é “a força viva e secreta da razão”.

Depois que a ideia da simulação da deportação é realmente aceita pelo Rabino e pela maior parte da população da aldeia, ainda se escutam várias recriminações por seguir a ideia de um louco. Frases assim são escutadas: “Ouvir um louco, estão todos malucos”. Essas falas revelam mais do que a exclusão do discurso do louco, revelam o medo de compactuar com a ideia de maluco. Isso torna-se explicável segundo a teoria de Foucault que diz que “o conceito de loucura não existiu sempre, mas sim começou a se estruturar a partir do momento em que se criou a distância entre razão e não-razão.” Não compactuar com o louco, neste caso, iria mostrar a sanidade das pessoas que

não compactuam com ele. Não compactuar com uma ideia maluca mostra a distância entre a loucura e a razão, na qual se baseia a ideia da loucura e também a ideia da razão.

Depois da ideia aceita, fica claro que algumas pessoas da aldeia começam a assistir e a participar de tudo como se tudo fosse um grande espetáculo, como se a ideia do louco não passasse de um espetáculo, ao menos no início da movimentação para que a ideia dele se concretizasse. De acordo com Foucault (2000, p. 147), “A loucura era o teatro do mundo”. Tanto que houve uma época em que os loucos internados em hospitais eram expostos à população nos finais de semana. As pessoas pagavam uma taxa em dinheiro para poder vê-los e debochá-los. Aqui, mais uma vez, como já foi referido acima, além de ser uma forma de exclusão do louco, também é uma forma de afirmação das pessoas ditas normais ou providas de razão suficiente para assim se considerarem.

Uma das primeiras providências tomadas para a efetização da ideia de simular a deportação foi a doação que as famílias tiveram que fazer com a finalidade de financiar a viagem e a compra do trem. As famílias doam joias e outros objetos de valor. Esses objetos são todos anotados por uma pessoa que faz este controle. O louco doa uma maçã. É interessante observar que nesta hora não há deboche ou comentários, apesar de ficar claro que a doação dele era incompatível com as outras doações feitas. Isso se explica, pois a insanidade dele foi de certa forma aceita (apesar de controlada) quando a ideia de simular a deportação começa de fato a ser uma realidade para a aldeia. Na hora em que a ideia do louco é aceita, automaticamente o discurso dele também é percebido de outra forma, pois apesar de ser desprovido de razão, ele é o autor da ideia que está sendo efetivada e que irá salvar a sua aldeia. Logo, de uma certa forma ele invade e participa do “mundo dos normais”, ele ultrapassa a barreira que separa os mundos. Seu discurso agora é não mais apenas o do louco, mas daquele que de uma forma indireta irá salvar todas as pessoas de sua aldeia.

Depois que o trem fingindo deportação já tinha partido, em uma de suas paradas as pessoas fazem uma celebração religiosa, sendo que nesta o louco faz um discurso dizendo que Deus criou os homens a sua imagem e semelhança, mas que quem escreveu isto foi um homem e não Deus. Diz que ninguém se importa ou se preocupa realmente com Deus, mas apenas consigo mesmo e somente temem a Deus preocupados com a sua própria salvação. Termina o seu discurso dizendo que a questão não é saber se Deus existe, mas saber se nós existimos. Nestas palavras do louco se comprova mais uma vez a o que Foucault (2000), diz a respeito da loucura: A loucura no século XVII passa a ser puramente moral, confrontando os costumes e ultrapassando os limites do que se considera normal. Neste caso, o normal não seria pôr em dúvida os escritos religiosos e a adoração a Deus. Aqui, mais uma vez o louco cumpre o seu papel (de louco) que é o da desordem social estabelecida. Mas, em contrapartida, mais uma vez reforça o que já foi citado anteriormente, que o louco

pode ser um detentor da verdade e que a verdade também pode ser considerada uma forma de loucura justamente por causa da desordem social característica da loucura. Aliás, quando se acredita em verdades, é preciso considerar que, a cada nova verdade que surge, necessariamente as antigas verdades são derrubadas, desorganizando assim a ordem social estabelecida.

Durante a viagem, enquanto o louco joga com um outro passageiro do trem – passageiro este que não pertence ao seu vilarejo, pois é um amigo estudado do Rabino que vem ajudar na empreitada da simulação de deportação -, eles têm o seguinte diálogo (“L” corresponde ao louco e “P” ao passageiro):

P – Por que você é louco?

L – Por acaso, queria ser Rabino, mas já tinha um. Faltava um louco, então eu quis ser. Se não fosse eu, seria outro.

P – Não se sente sozinho?

L – Não, há muitos outros loucos.

P – Eu me refiro às mulheres. Por que nunca casou? Nunca teve esposa e filhos?

L – Eu não sou louco. Eu os teria amado demais e enlouqueceria ou morreria de amor.

Primeiramente é preciso que se ressalte a necessidade da loucura para que a razão seja estabelecida, uma vez que uma não existe sem a outra. O próprio louco afirma que a sua aldeia precisava de louco e que, se este não fosse ele, seria qualquer outro. A necessidade da existência do louco na aldeia é a afirmação da razão das demais pessoas,

A loucura torna-se uma forma relativa à razão ou, melhor, loucura e razão entram numa relação eternamente reversível, que faz com que toda loucura tenha a sua razão que a julga e controla, e toda razão sua loucura na qual ela encontra sua verdade irrisória. Cada uma é medida da outra... elas se recusam, mas uma fundamenta a outra (FOUCAULT, 2000, p. 30).

Com as demais respostas do louco, mais uma vez vem à tona a verdade da fala do louco. Como observa Foucault (2000), a loucura é visível, não esconde nada, não obscurece; ela atrai as pessoas pelo fato de conseguir manter uma dominação sobre as coisas. Ainda, segundo Erasmo (FOUCAULT, 2000, p. 26), a loucura estabelece uma certa distância, distância esta que permite uma visão mais crítica.

Ressalta-se também o medo do próprio louco em relação à loucura quando ele fala: “Eu os teria amado demais e enlouqueceria”, o que, para ele (e também para a ciência), pode ser manifestado num estado de paixão.

Outro aspecto importante a ser analisado no filme é o fato de que como o trem era uma simulação de deportação dos judeus, os alemães responsáveis pelo trem eram os próprios judeus vestidos com falsos uniformes alemães. Lá pelas tantas, os “alemães” assumem de fato um comportamento superior e de controle em relação aos judeus. Foucault (2004, p. 10) refere que, “por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder”. Pode-se considerar que tanto os “alemães” como o louco passam a ser o seu próprio discurso, ou seja, são o papel social que lhes foram permitidos.

O trem vai indo e supera vários e vários obstáculos, que incluem várias inspeções. Mas, no final, quando o trem está prestes (a poucos quilômetros) de conquistar a liberdade, é pego de fato pelos alemães. No final aparece o louco com o uniforme de preso e uma música cuja letra solicita: “não me deixe esquecer os olhos das pessoas, é o que ainda me mantêm vivo, a sublime loucura delas.” Segundo o Dicionário de Filosofia de José Ferrater Mora, o tema da loucura, como “loucura divina”, foi tratado por muitos autores na Antiguidade, quase sempre seguindo as orientações platônicas. Nesse sentido, a loucura está ligada à simplicidade ou ao regresso da simplicidade. Segundo Erasmo em “Elogio a Loucura”, não haveria a possibilidade de vivermos e pensarmos saudavelmente caso a loucura não existisse.

O final trágico do filme é a única alternativa viável para o mesmo, uma vez que a ideia de toda a façanha parte de louco. Seria uma loucura de fato (uma desordem social) fazer com que um caminho indicado por um louco tivesse êxito ou um final feliz, no caso do filme. De acordo com Foucault (2000), percebe-se, com clareza, a oposição quanto à divisão alienação (caso do louco do filme) X maldade. Nesse caso a loucura e o crime não se confundem, nem tampouco se excluem, mas são tratados da mesma forma.

Segundo Foucault (2006), a ficção consiste não em fazer ver o invisível, mas em fazer ver até que ponto é invisível a invisibilidade do visível. E assim acontece com o filme *Trem da vida*, pois ele nos leva a pensar sobre essa questão a partir do personagem do louco.

Por fim, vale salientar que, para Foucault, a loucura é um problema antes de tudo epistemológico, que só tem sentido dentro de uma determinada episteme (FOUCAULT, 2007). Vale pensar, também, na sanidade exercida por meio da loucura, sem a qual enfermidades piores poderiam nos atingir. A loucura maior talvez ainda seja a repressão, como cantou Rita Lee: mais louco é quem me diz e não é feliz.

## REFERÊNCIAS

- COSTA, Marisa V. (Org.). **Estudos culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema**. Porto Alegre: UFRGS, 2000.
- FERREIRA, Aurélio B. de H. **Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 10. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004. ① ② ③ ④
- \_\_\_\_\_. **História da loucura na Idade Clássica**. 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007. ① ② ③ ④ ⑤
- \_\_\_\_\_. **Microfísica do poder**. 22. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2006. ①
- \_\_\_\_\_. **Vigiar e punir: história da violência nas prisões**. Rio de Janeiro: Vozes, 2001. ① ② ③ ④ ⑤ ⑥ ⑦ ⑧ ⑨ ⑩ ⑪ ⑫ ⑬ ⑭
- HALL, Stuart, na obra “A identidade cultural na Pós-Modernidade, Ed DP & A, 1997. ①
- GALLO, S.; SOUZA, R. M. (Orgs.). **Educação do preconceito: ensaios sobre poder e resistência**. Campinas: Alínea, 2004.
- MORA, José F. **Dicionário de Filosofia**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- TREM da vida. Direção: Radu Mihaileanu. 1998. 1 DVD, color.